

DOCUMENTO

A SCIENCIA DO BOM HOMEM RICARDO: UM TEXTO DE LEITURA ESCOLAR NO BRASIL IMPERIAL¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/54808>

Eduardo Arriada

Universidade Federal de Pelotas, Brasil.

Elomar Antonio Callegaro Tambara

Universidade Federal de Pelotas, Brasil.

Sheila Duarte

Universidade Federal de Pelotas, Brasil.



A universalização do processo de ensino e aprendizagem no mundo ocidental, século 18 e 19, centrou-se fundamentalmente na leitura, na escrita e na aritmética. No caso da primeira, a mesma aconteceu, de modo especial, sustentada em textos bíblicos e em manuais de fundo moral. Particularmente estes últimos tiveram especial importância nos períodos históricos de predominância de políticas seculares em que prevaleciam, de forma hegemônica, conteúdos, se não ostensivamente anticlericais, escritos que tentavam impor uma ética e uma moral claramente laicas.

No século 19, no contexto educacional brasileiro, o reconhecimento do que poderíamos designar como livro didático era difuso e, em diversos casos, problemático.

¹ Este trabalho contou com o apoio financeiro do CNPq.

Talvez o termo mais adequado fosse *textos utilizados para a leitura no espaço escolar*. Muitos deles eram usados conforme o desejo e as necessidades do professor.

Embora tenhamos conhecimento do uso de diversos livros de leitura, tais como os produzidos por Abílio Borges, Hilário Ribeiro, Felisberto de Carvalho, entre outros, suas séries graduadas estavam voltadas para o processo de aquisição e domínio da língua, tanto para a leitura, quanto para a escrita.

Contudo, outros livros eram igualmente usados no espaço escolar, como *A ciência do bom homem Ricardo* de Benjamin Franklin; *Tesouro de meninos*, de Pedro Blanchard, *História de Simão de Nântua* ou *O mercador de feiras*, de Lourenço Pedro de Jussie, obras que tiveram um uso tanto ou maior do que aquelas anteriormente citadas, demonstrando o quanto certos textos, não necessariamente escritos para uso da escola, foram utilizados como suporte no processo de aquisição da leitura. Ademais, o uso desses textos estava vinculado ao processo de introjeção de valores éticos e morais.

No Brasil, são vários os textos com esta última característica. Um deles com difusão em todo o Império foi a obra *A sciencia do bom homem Ricardo*, elaborada a partir do *Almanaque do Pobre Ricardo - Poor Richard's almanacks* - publicado anualmente por Benjamin Franklin, com a idade de 26 anos, a partir de 1732 até 1758. O autor usava o pseudônimo de Ricardo Saunders.

É notável a recepção desta obra em todo o mundo ocidental, com tradução em diversos idiomas e com utilização maciça em sala de aula como equipamento para o processo de obtenção da habilidade de leitura. Não há dúvida que a mesma contribuiu decisivamente para a instauração e, mais precisamente, para a consolidação de uma mentalidade capitalista consentânea com as alterações estruturais decorrentes da Revolução Mercantil e da Revolução Industrial, particularmente na Europa e nos Estados Unidos.²

Esta obra, guardada as devidas proporções, estaria para o capitalismo como o manifesto comunista elaborado por Marx e Engels estaria para o comunismo, no sentido de constituírem-se em um libelo doutrinário, reduzido em um panfleto que sintetizaria comportamentos e atitudes consentâneos com as práticas adequadas aos respectivos sistemas sociais.

A Sciencia do bom homem Ricardo, eivada de preceitos que ressaltavam a poupança, a ascese, o trabalho, a humildade, a obediência, caiu como uma luva na nova sociedade que precisava um instrumento de legitimação doutrinária para uma prática, de certa forma, calcada na desigualdade social e que carecia de mecanismos de introjeção ideológica capazes de explicarem o porquê das diferenciações sociais e, ademais, carecia naturalizar a estratificação social a partir de características pessoais.

Os provérbios, que constituem um dos elementos importantes do *Almanaque*, não são todos eles de autoria de Franklin, mas muitos recolhidos por ele representam uma vitrine de toda uma concepção de mundo marcada pela emergência dos ideais liberais convenientes para a consolidação do capitalismo ocidental. É importante ter presente que o *Almanaque* não era composto apenas destes dísticos mas, ao contrário, estes estavam diluídos em uma série de informações, como se tornou a prática deste tipo de publicação.

² Sobre esta questão veja Weber (1983), onde ele faz um detalhado estudo da contribuição de Franklin na constituição da ideologia capitalista.

Ele continha informações astrológicas, horários de trens, humor, entretenimento, datas de eclipses, etc., que compunha um produto com forte apelo popular.

Pragmaticamente, *A sciencia do bom homem Ricardo* enxugou o escrito destes últimos aspectos, constituindo um texto tipicamente de formação. Sob este aspecto, procurava atuar tanto em uma educação continuada no mundo adulto, quanto na formação inicial das crianças, na medida em que era amplamente utilizado em sala de aula nas escolas de séries iniciais.

No formato que circulou pelo mundo a obra *A sciencia do bom homem Ricardo* constitui-se da introdução do último almanaque elaborado por Benjamin Franklin em 1757 para a edição de 1758 e, por vezes, publicado com o título *O modo de fazer fortuna - The way to wealth* - ou *As falas do pai Abraão - Father Abraham's speech*. Em português, de modo geral, foi publicado com o título *Sciencia do bom homem Ricardo*, com o sub-título *O caminho da fortuna*, como pode ser percebido na edição da Nicolau Alves de 1884.

Figura 1 -

A sciencia do bom homem Ricardo, capa da edição de 1884.



De certa forma, os ditames do *Almanak* refletem um estudo de caso, que é o do próprio autor, o qual, pelo próprio esforço, ascendeu da pobreza à riqueza. Benjamin Franklin, tipógrafo, filósofo, físico e estadista norte-americano nasceu em Boston em 1706 e morreu na Filadélfia em 1790. Filho de um modesto fabricante de velas iniciou a vida profissional aos dez anos como aprendiz do seu pai e, mais tarde, passou a trabalhar como impressor na tipografia de seu irmão Jayme. Em 1723 visitou Nova York e Filadélfia e passou depois à Inglaterra, onde se aperfeiçoou nesta atividade. Ao regressar aos EUA fundou uma imprensa, a partir da qual criou um jornal e fundou o *Almanaque do pobre Ricardo*.

Consolidou sua posição de estadista desde o princípio da revolta das colônias da América do Norte, quando foi designado pelos colonos, em 1757, para ir a Londres levar as suas queixas. Ademais, foi ele que, com Jefferson e John Adams, redigiu o manifesto da declaração da independência em 1776.

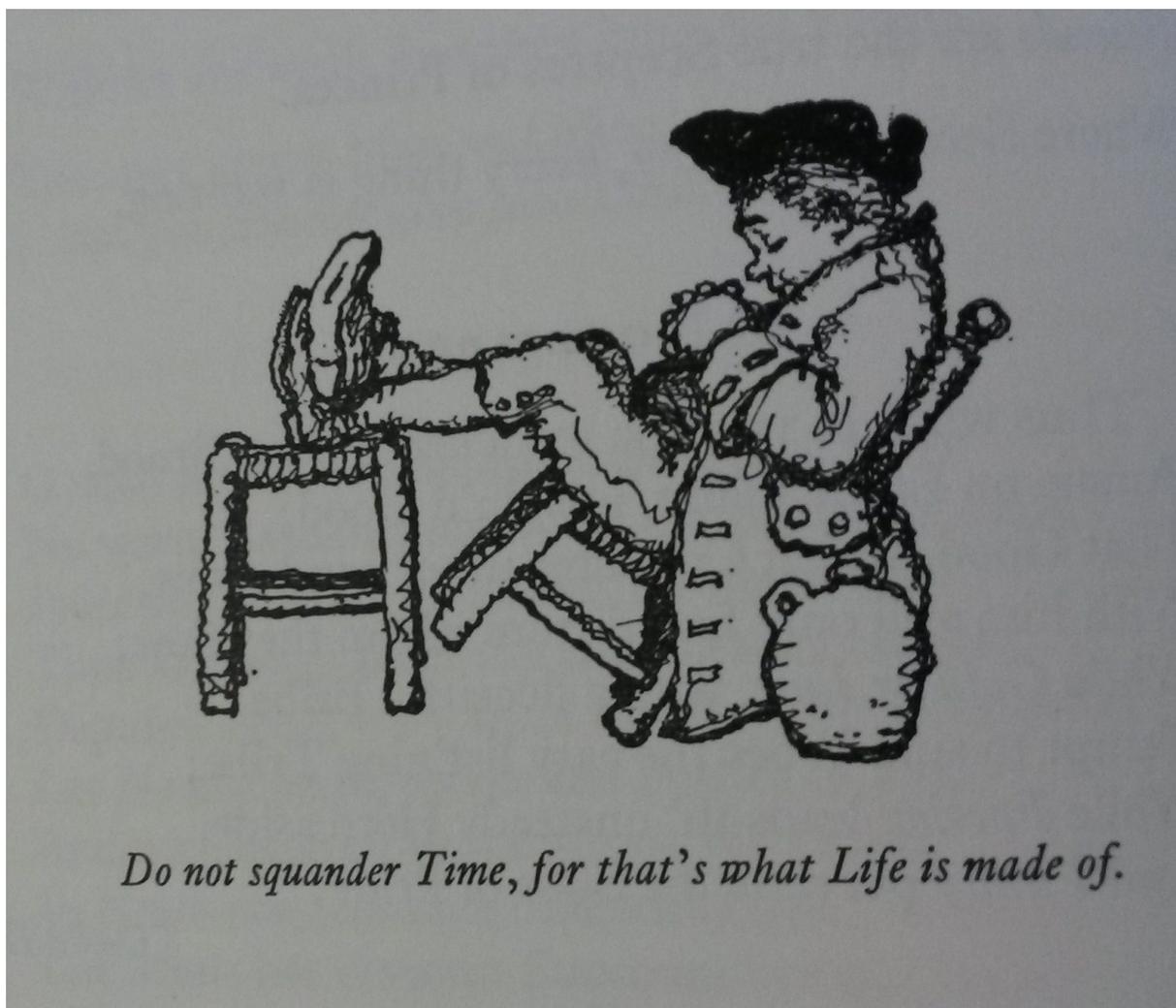
Chama atenção o efeito que a publicação do *Almanaque do pobre Ricardo* provocou na vida de Franklin. Em sua autobiografia, o mesmo atesta que esta publicação significou o ponto de virada, que retirou sua família de uma vida de pobreza para a abundância. (Brooks, 1964, p. VII)

De imediato o periódico caiu nas graças da população, particularmente a de menor poder aquisitivo, de modo que com grandes tiragens, para a época, seu autor pode ter um lucro extraordinário. A par deste sucesso econômico, houve reconhecimento social que lhe proporcionou a ascensão a postos sociais de relevância na estrutura colonial norte-americana. Benjamin Franklin se tornou o representante das aspirações dos colonos em relação aos problemas com a Inglaterra.

O almanaque teve a capacidade de atingir, indistintamente, letrados e iletrados, pois, de uma forma ou outra, os ditames preceituados acabavam sendo assimilados pela sociedade inteira. Um aspecto que deve ser salientado é a criatividade de Benjamin Franklin em associar ao texto ilustrações que tornavam a assimilação da mensagem muito mais efetiva.

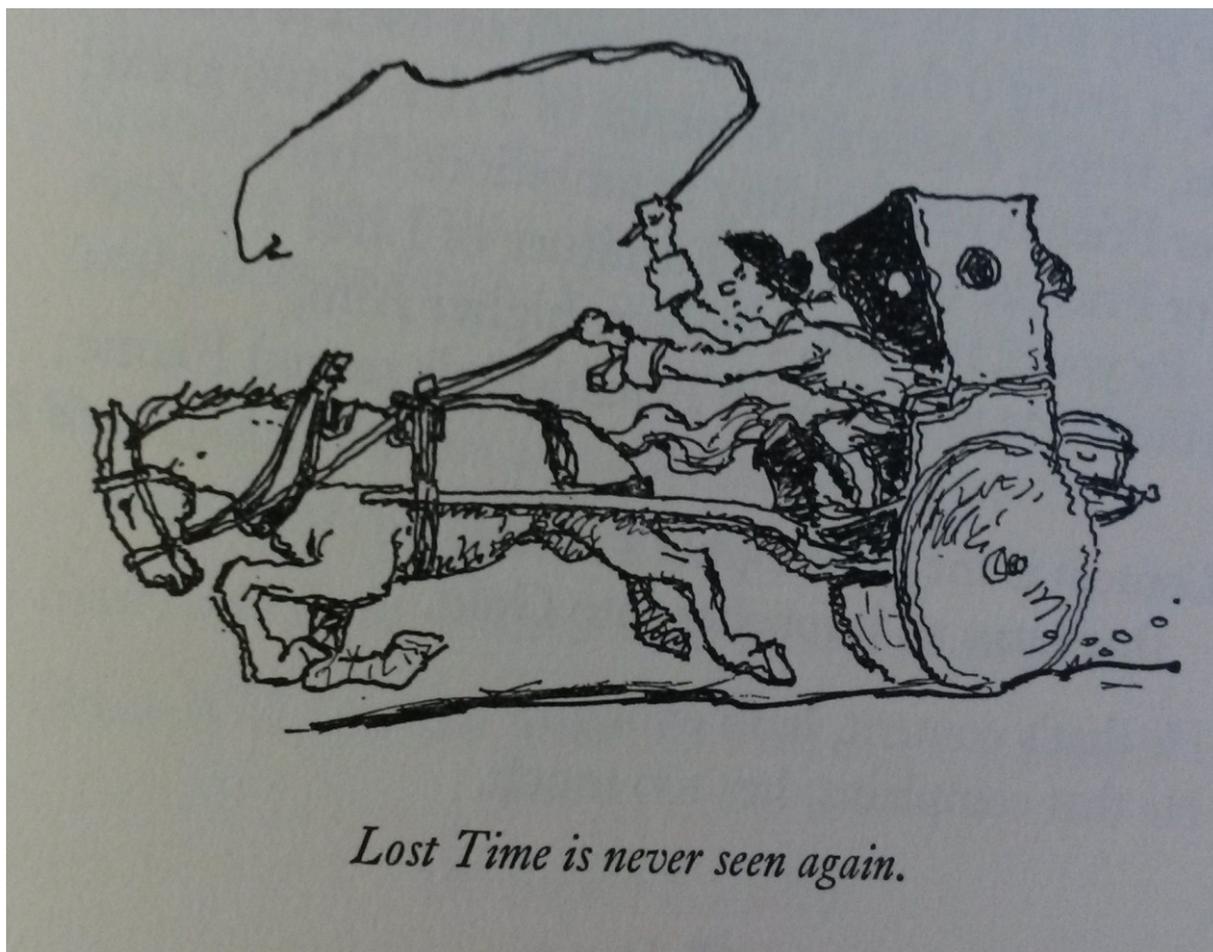
Como se pode observar nos exemplos reproduzidos na seqüência e publicados, respectivamente, nos almanaques dos anos de 1754 e 1758 e que enfatizam a questão da perda de tempo.

Figura 2 -
Representação publicada no *Almanaque* de 1754.



Fonte: Poor Richard's Almanack, 1754. In: SAUNDERS, Richard. *The almanack for the years 1733-1758*. Philadelphia: George Macy Companies, 1964, p. 232.

Figura 3 -
Representação publicada no Almanaque de 1758.



Fonte: Poor Richard's Almanack, 1758. In: SAUNDERS, Richard. *The almanack for the years 1733-1758*. Philadelphia: George Macy Companies, 1964, p. 287.

Nota-se que o periódico é um libelo ao cidadão que trabalha arduamente, que resiste à ociosidade, que paga seus impostos, que poupa, que é constante na busca dos objetivos propostos, particularmente os vinculados a garantir o sucesso material. Todo este comportamento está consentâneo com a nova concepção de mundo em consolidação no mundo ocidental, à época, a capitalista. O novo homem que se buscava construir, tanto o proletário, quanto o burguês, deviam apresentar-se com estes elementos constitutivos, de modo que a compilação destes procedimentos em um texto destinado para divulgação, poderiam contribuir para a introjeção do perfil de cidadão almejado.

Portanto, nada mais apropriado do que a adoção deste documento como texto de leitura nas escolas de primeiras letras. Particularmente no Brasil, como se tem observado em inúmeros inventários de materiais escolares existentes nas aulas de ensino primário no século 19, a presença do texto elaborado por Benjamin Franklin é muito frequente.³

³ Sobre isto veja os trabalhos elaborados por Tâmara Regina Reis Sales e Ester Vilas Boas Carvalho do Nascimento (2013; 2014).

Assim, o texto escolar *A sciencia do bom homem Ricardo* rivalizou com obras como *Tesouro de meninos*, *Compêndio de civilidade*, *Catecismo de Montpellier*, *Fábulas de Esopo*, *Simão de Nantua*, entre outros⁴, como suporte para a aquisição da leitura e para constituição da mentalidade moral e cívica do novo homem necessário ao estágio de desenvolvimento econômico-social do Império brasileiro. Como podemos identificar, por exemplo, no inventário da escola primária da Vila de Cachoeira no Rio Grande do Sul em meados do século 19:

Relação dos utensílios pertencentes à Escola Publica de Instrução
Primaria da Villa de Cachoeira em 31 de dezembro de 1858
Vinte e cinco compêndios de civilidade
Dez compêndios de moral
Vinte e cinco ditos de doutrina
Cinco Tesouro de Meninos
Seis Bibliotecas
Seis Parnasos Juvenis
Vinte Compêndios da Sciencia do Homem Ricardo
Doze ditos de Fabulas de Esopo
Trinta exemplares para leitura. Rodrigo Alves Ribeiro Professor Público⁵

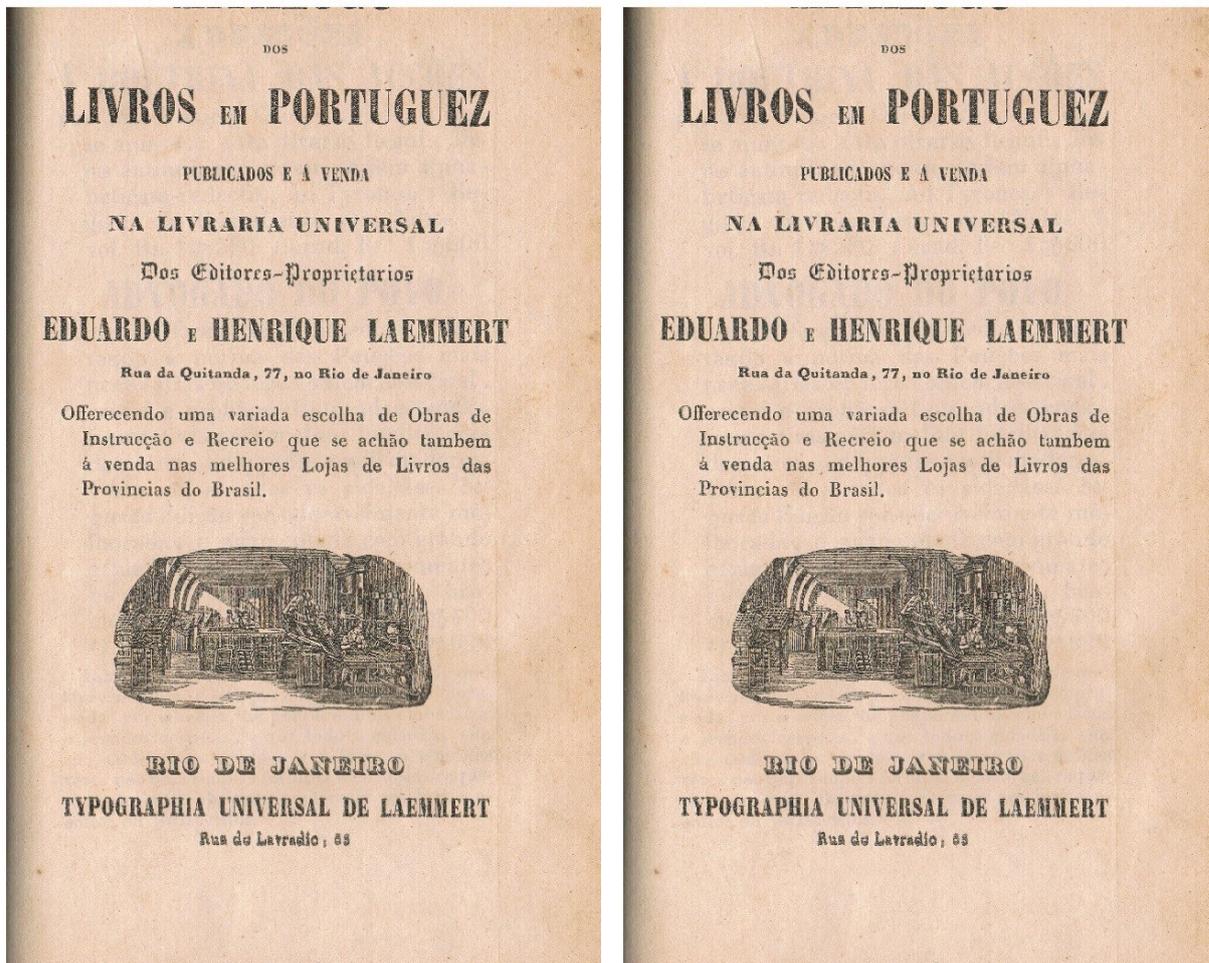
Em diversos catálogos essa obra era sucessivamente anunciada, como se pode ver no catálogo da Editora Laemmert, de 1849⁶.

⁴ Sobre textos escolares de leitura veja TAMBARA, Elomar. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século 19 no Brasil. *Hist. Educ.* (Online), v. 6, n. 11, 2002, p. 25-52.

⁵ Elaborado a partir de documento manuscrito do acervo dos autores, discriminando apenas o material utilizado como suporte de leitura escolar.

⁶ Catálogo dos livros em portuguez publicados e à venda na Livraria Universal dos editores-proprietarios Eduardo e Henrique Laemmert, oferecendo uma variada escolha de obras de instrucção e recreio que se achão tambem à venda nas melhores lojas de livros das Províncias do Brasil. Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert, 1849, p. 60.

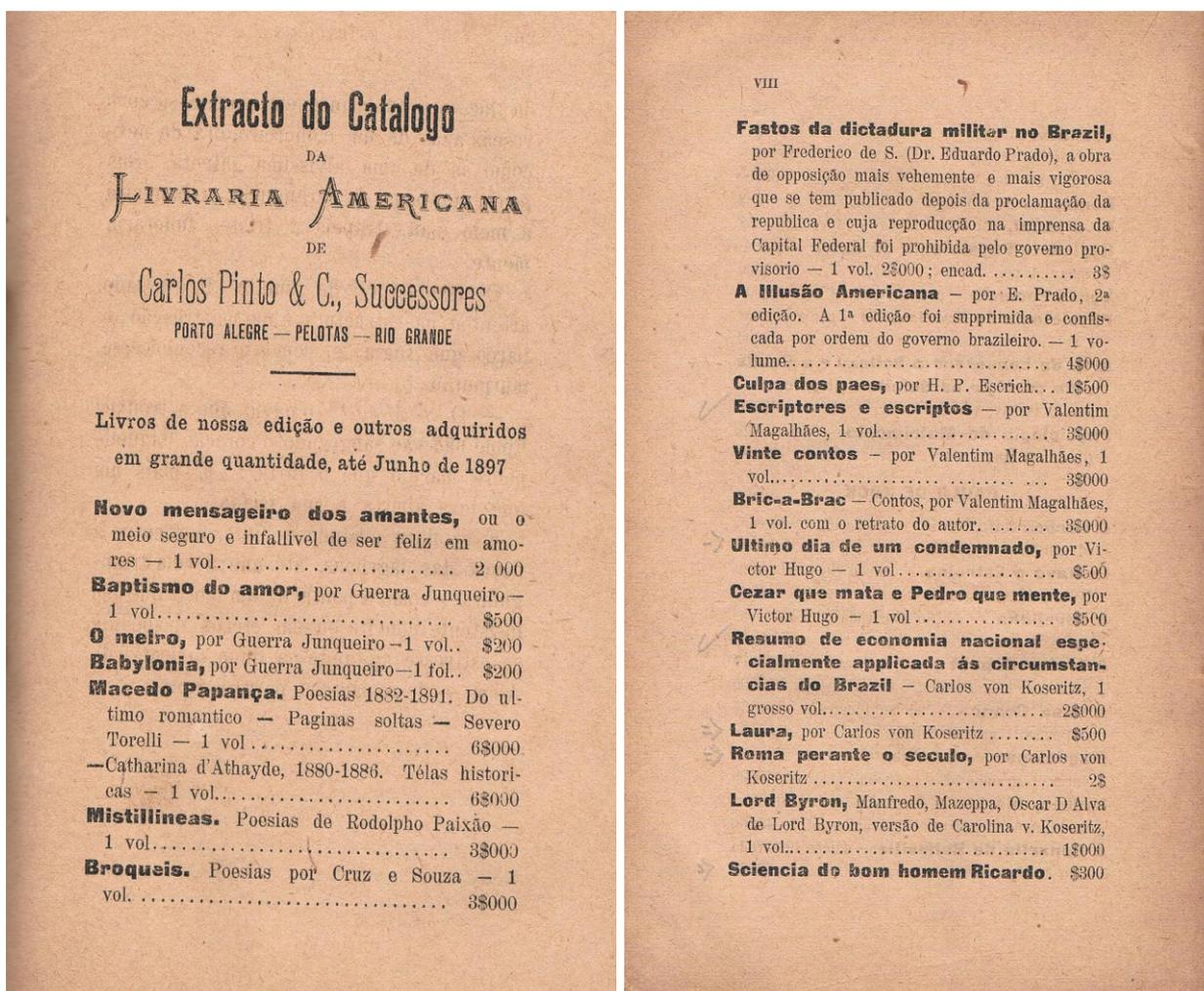
Figura 4 -
Anúncio do Livro de B. Franklin no Catálogo da Livraria Universal - 1850.



Fonte: Catálogo dos livros em portuguez publicados e a venda na Livraria Universal dos editores-proprietarios Eduardo e Henrique Laemmert. Anexo ao livro: *Maximas, pensamentos e reflexões do Marquez de Maricá*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1850.

Pequenas editoras provinciais também anunciavam em seus catálogos a obra de Benjamin Franklin, como se observa no extrato do catálogo da Livraria Americana de 1897.

Figura 5 -
Anúncio no catálogo da Livraria Americana - Pelotas, 1897.



Fonte: Anexo ao livro SOUZA, TOTTA & AZURENHA. *Estrychnina*: pagina romantica. Porto Alegre: Oficinas Typographicas da Livraria Americana, 1897.

É notável também o fato de que apesar de ter sido utilizado em todo território nacional e de ter tido várias edições, é um texto raro. Ao contrário, constitui-se em raridade bibliográfica disputada no mercado de livros usados. De modo que a publicação de uma de suas edições, na revista *História da Educação*, é uma valiosa contribuição à área da história da educação, particularmente para a história da leitura escolar.⁷ Assim, publica-se a versão original contida na edição do almanaque de 1758, de modo que os pesquisadores em história da educação possam fazer uma análise da tradução para o português com seus eventuais acréscimos e lacunas.

Referências

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

⁷ Esta edição está contida em MONTEVERDE, Emilio Achilles. *Methodo facilimo para aprender a ler tanto a letra redonda como a manuscripta*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1878. Exemplar comercializado pela Livraria Americana de Pelotas, RS.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história*. Belo Horizonte: Autêntica; Campinas: Mercado das Letras, 2009.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BROOKS, Van Wyck. An introduction. In: SAUNDERS, Richard. Poor Richard. *The Almanack for the years 1733-1758*. Philadelphia. George Macy Companies, 1964, p. VII-XII.

NASCIMENTO, Ester V. C. do; SALES, Tâmara R. R. O almanaque do bom homem Ricardo: práticas educacionais norte-americanas que circularam no Brasil Oitocentista. *Cadernos do Tempo Presente*, V. 1. 2014 p.72-85.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

SALES, Tâmara Regina Reis. Contribuições do *Almanaque do Pobre Ricardo* para a história da educação brasileira. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013. Anais ... Natal: Anpuh, 2013.

SAUNDERS, Richard. Poor Richard. *The almanack for the years 1733-1758*. Philadelphia. George Macy Companies, 1964.

TAMBARA, Elomar. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século 19 no Brasil. *Hist. Educ.* (Online). Porto Alegre: Asphe, v. 6, n. 11, 2002, p. 25-52.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1983.

EDUARDO ARRIADA é professor adjunto de História da Educação na Universidade Federal de Pelotas e Integrante do Centro de Investigações em História da Educação - Ceihe.

Endereço: Rua D. Pedro II, 414 - 96010- 300 - Pelotas - RS - Brasil.

E-mail: earriada@hotmail.com.

ELOMAR TAMBARA é professor titular de História da Educação na Universidade Federal de Pelotas e integrante do Centro de Investigações em História da Educação - Ceihe.

Endereço: Caixa Postal 628 - 96010-700 - Pelotas - RS - Brasil.

E-mail: tambara@ufpel.tche.br.

SHEILA DUARTE é estudante de Pedagogia na Universidade Federal de Pelotas, bolsista Pibic e integrante do Centro de Investigações em História da Educação - Ceihe.

Endereço: Rua Izaias Lockschim, 491 - 96070-130 - Pelotas - RS - Brasil.

E-mail: sheilarbd_duarte@hotmail.com.

Recebido em 12 de dezembro de 2014.

Aceito em 14 de março de 2015.

A SCIENCIA DO BOM HOMEM RICARDO OU MEIO DE ADQUIRIR FORTUNA⁸

Passando um dia a Cavallo por um sitio aonde havia muita gente para assistir a um leilão, parei movido de curiosidade. Em quanto não chegava a hora aprazada, conversavão os circumstantes sobre politica, e mormente ácerca dos pezados impostos que o povo estava pagando. Um d'elles, olhando para um respeitavel ancião, decentemente vestido, que alli se achava, lhe dirigiu a seguinte pergunta: “E vm.^{ce}, sr. Abrahão, “que pensa de tudo isto? Não concorda em que tão pezadas “contribuições hão de por fim arruinar totalmente o paiz? Que “havemos de fazer n'este caso?” O ancião, depois de considerar algum tempo, respondeu: “Se querem conhecer o meu “modo de pensar, eu o exponho em poucas palavras, *porque, a bom entendedor, meia palavra basta.*”

Vendo que todos se dispunhão a ouvi-lo com attenção, falou nos seguintes termos:

Meus caros amigos e concidadãos, não há duvida que os tributos são muito fortes; comtudo se não tivessesmos que pagar senão aquelles que a lei nos impõe, poderíamos facilmente satisfazer-los; mas temos outros ainda muito mais pezados, a saber: a nossa preguiça que nos sujeita ao dobro do imposto que pagâmos ao Estado; o nosso orgulho ao tresdobro; a nossa extravagancia ao quádruplo!

Estas contribuições são de natureza tal, que não é possivel aos exactores isentarnos d'ellas, nem fazer a minima redução; todavia se quizermos seguir um bom conselho, ainda poderemos ter alguma esperança de melhorar a nossa sorte, porquanto, como refere o BOM HOMEM RICARDO, no seu Almanach: *“Deus disse ao homem: Trabalha, que eu te ajudarei.*

Se houvesse um Governo que obrigasse o povo a contribuir regularmente com a decima parte do seu tempo para o serviço publico, achar-se-hia, por certo, mui dura semelhante condição; mas nós, pela maior parte, somos collectados pela nossa preguiça de uma maneira mais tyrannica, pois se se calcular o tempo que passâmos n'uma absoluta ociosidade, isto é, sem fazer cousa alguma, ou a dissiparmos os nossos haveres, conhecer-se-ha que digo a verdade.

Quanto tempo não passâmos entregues ao somno, alem do que é necessario? E porque acontece assim? Porque nos esquecemos, sem duvida, de que *“a rapoza a dormir não apanha gallinhas;”* e de que teremos tempo de sobejo para dormir, quando estivermos na sepultura. Se o tempo é o mais precioso de todos os bens, “desperdiça-lo, como diz o BOM HOMEM RICARDO, é a maior de todas as prodigalidades, visto que “o tempo perdido não se recupera, e que quando julgâmos ter “tempo sufficiente para fazer alguma cousa, é quando elle nos “vem a faltar.”

Tenhamos portanto coragem, e trabalhemos em quanto podermos. Com actividade faremos mais obra com menos trabalho. *“A preguiça, como tambem diz o BOM HOMEM RICARDO, “torna tudo difficil, quando o trabalho tudo facilita. Aquelle que “se levanta tarde, agita-se o resto do dia, e vê chegar a noite, “quando apenas dá começo ao seu trabalho. A preguiça caminha, “tão lentamente que a pobreza não tarda a alcança-la.*

⁸ Extrahido da obra do sábio Benjamim Franklin, intitulada *La science du bom homme Richard*.

Deitar-“se cedo, e erguer-se cedo, eis o melhor meio de conservar a saude, a fortuna e a inteligencia.”

Que significação as esperanças e os votos que fazemos por tempos mais venturosos? Na nossa mão está tornar o tempo mais feliz, sabendo emprega-lo convenientemente. *“Quem trabalha, não deve ter ambições; pois aquelle que vive de esperan”ças expõe-se a morrer de fome: não ha proveito, sem trabalho. “Um officio equivale a um capital em terras. Uma profissão é “um emprego que reúne honra e proveito.”*

Portanto, aquelle que for laborioso não deve temer a miseria, pois a fome passa pela porta do homem diligente, sem se atrever a entrar-lhe em casa. A justiça tampouco n’ella penetrará, por isso que o trabalho paga as dividas, quando a ociosidade as augmenta.

Não é necessario achar thesouros, nem ser herdeiro de parentes abastados. *“A actividade, como diz o BOM HOMEM RICARDO, é a mãe da prosperidade, e Deus ajuda a quem trabalha.”*

Lavremos as nossas terras em quanto o preguiçoso dorme, e teremos pão para vender e para encelleirar. Trabalhemos incessantemente desde pela manhã até á noite, visto que não sabemos se no dia seguinte o poderemos fazer. Por isso diz, com muita razão, o BOM HOMEM RICARDO: *“Vale mais ter um hoje, “do que dois ámanhã. - Guarda que comer, e não guardes que fazer.”*

Não nos envergonhariamos, porventura, se fôssemos criados de um bom amo que nos chamasse preguiçosos? Pois bem, suponhamos que somos os amos de nós mesmos, e envergonhemo-nos de nos entregarmos á ociosidade, quando temos tanto que fazer em nosso beneficio, no da nossa familia, e a bem da nossa patria.

Levanteo nos ao romper do dia, para que quando o Sol alumiar a terra não possa dizer: *“Eis-ahi um preguiçoso que “ainda está a dormir.”*

Com vontade e perseverança fazem-se maravilhas: -- *“Agua “mole em pedra dura, tanto dá até que a fura. Com trabalho e “persistencia consegue um ratinho cortar uma amarra.”*

Está-me parecendo ouvir perguntar-me: *“E não será licito ter alguns momentos de ocio?”*

Mas eu responderei com o que diz o BOM HOMEM RICARDO: *“Empreguemos bem o nosso tempo, se quizermos ter direito ao descanso; e não percâmos uma hora, já que não podemos contar com um só minuto.”*

As horas vagas podem até ser empregadas em alguma cousa util. Só ao homem diligente e dado gosar d’essa especie de ocio, que o preguiçoso não sabe disfructar. *“Vida socegada, “como diz o BOM HOMEM RICARDO, e vida ociosa são cousas “muito diversas.”*

Julgão vm.^{oe}, porventura, que a preguiça proporciona maiores prazeres do que o trabalho? Enganão-se , pois, como tambem diz o BOM HOMEM RICARDO: *“A preguiça causa cuidados, “e o ocio, sem necessidade, dá lugar a grandes dissabores. O tra”-balho, pelo contrario, traz consigo commodidades, abundancia “e consideração. Os prazeres correm atraz d’aquelles que fogem “d’elles. Á fiandeira laboriosa nunca falta panno para camizas.”Desde que tenho vaccas e ovelhas todos me cumprimentão.”*

Mas além do amor do trabalho, é necessario ter constancia, resolução e cuidado. Convém muito ver as nossas cousas com os proprios olhos, e não nos fiarmos demasiadamente nos outros. Como observa o mesmo BOM HOMEM RICARDO: *“Nunca*

“vi arvore alguma, a cada instante transplantada, nem familia, “continuamente em mudanças, prosperem tanto como aquellas “que são estaveis. Tres mudanças equivalem quasi a um incen-”dio. Conservemos a nossa loja, e ella nos conservar. Quem “quer vai; quem não quer manda, isto , se quizermos que os “nossos negocios tenham bom resultado, occupemo-nos d’elles nos “mesmos; do contrario, encarreguemos d’isso a outrem. Para que “o Lavrador prospere, deve elle proprio dirigir a charrua. O “olho do dono engorda o Cavallo. A falta de cuidado causa mais “prejuizo do que a do saber. Não vigiar os operarios equivale a “por a nossa bolsa  sua disposição.”⁹ A demasiada confiança “nos homens  a causa da ruina de muita gente, pois nas cou-”sas d’este mundo, não  pela fe que temos nos outros que nos “salvamos, muitas vezes, mas sim não tendo nenhuma.”

Se vm.^{ces} quizerem ter um servo fiel e seu amigo, perguntar-me-hão, o que deverão fazer? Servir-se a si mesmos, responderei eu.

O BOM HOMEM RICARDO aconselha tambem acircumspeco e o maior cuidado at nas cousas de menor importancia, porque, como acontece frequentes vezes, um leve descuido pode produzir um grande mal.

“ falta de um cravo, diz elle, perde-se a ferradura,  falta “da ferradura, perde-se o cavallo, e  falta do cavallo, perde-se “o proprio cavalleiro, porque o inimigo o alcança, aprisiona ou “mata, e tudo por não ter feito caso da falta de um cravo na ferradura do seu Cavallo.”

Não basta so, meus caros amigos, o que fica dito cerca do trabalho e da atenção que devemos dar a tudo quanto nos diz respeito;  necessario tambem que sejamos economicos, se quizermos tirar bom resultado do fructo do nosso trabalho. Se um homem não souber poupar  medida que vai tendo algum ganho, morrer sem real depois de haver passado toda a sua vida em continua fadiga. *“Quanto mais gorda  a cozinha, diz “o BOM HOMEM RICARDO, mais magro  o testamento.”*¹⁰

Muitas fortunas se dissipo, apenas adquiridas, quando as mulheres e os homens de humilde condição abandono os seus misteres para figurarem, fazendo despesas que as suas posses não comporto.

“Se quizermos ser ricos, diz o BOM HOMEM RICARDO, aprendamos não so como se ganha, mas tambem como se poupa.”

Se as Indias não enriqueco os Hespanhoes, foi porque os seus gastos excedo os thesouros que recebo das minas de ouro e de prata d’aquelles paizes.

Renunciemos pois aos nossos loucos desperdicios, e teremos menos razo de nos queixarmos do rigor dos tempos, do excesso dos impostos, e dos avultados gastos da nossa casa; *“porque, como diz o BOM HOMEM RICARDO, o vinho, a incontinenia, o jogo e a má conducta diminuem as fortunas, e multiplico as necessidades. Custa mais sustentar um vicio, do que educar dois filhos.”*

Julgo vm.^{ces} talvez que dar um ch a mido, ter um prato mais ao jantar, uma ou outra vez, mais algum luxo no vestir, e dar-se a divertimentos repetidas vezes, so cousas que não podem ter grandes consequencias; mas lembrem-se do que diz o BOM HOMEM RICARDO: *“De muitos poucos se faz um muito.”*

⁹ Corresponde ao proverbio portuguez: Se queres ser pobre sem o sentir, mette obreiros, e deita-te a dormir.

¹⁰ Os portuguezes dizem: Boa mesa, mau testamento.

Evitemos pois as despesas miudas, por isso que basta um pequeno rombo para fazer ir um navio para o fundo. A mesa lauta conduz muitas vezes á mendicidade. Os loucos dão os banquetes, e os sabios aproveitam-se d'elles.

Eis-nos aqui reunido para um leilão de objectos curiosos e e de valor, que vm.^{ces} contão comprar por pouco dinheiro, pensando assim que isso é um *bem*; comtudo se se não acautelarem, será para alguns um verdadeiro *mal*, visto que se esses objectos lhes não forem realmente necessarios, serão sempre demasiado caros, por muito baratos que os comprem. Não percâmos pois de vista estas maximas do BOM HOMEM RICARDO, *“Aquelle que comprar o superfluo, não tardará a vender o que “lhe for necessario. As compras baratas tem causado a ruina “de muita gente. É loucura empregar o seu dinheiro para comprar um arrependimento.”*

Todavia, é o que infelizmente todos os dias está acontecendo áquelles que ignorão estas maximas.

“O homem prudente, diz também o BOM HOMEM RICARDO, “aprende na desgraça de outrem; o insensato raras vezes aprende “na sua propria desgraça.”

Ha tal que para brilhar na sociedade, priva o estomago do necessario alimento, e reduz a familia a passar a quasi sem pão. *“As sedas, os setins e os veludos, como diz o BOM HOMEM RICARDO, tirão muitas vezes o calor á cozinha.”*

Por causa das suas extravagancias, tem muitas pessoas de alta cathegoria ficado reduzidas á pobreza, e na dependencia d'aquelles a quem d'antes desprezavão; mas que souberão melhor governar-se pelo seu trabalho e economia. Isto prova, segundo diz o BOM HOMEM RICARDO: *“Que um aldeão em pé, é mais alto do que um fidalgo de joelhos.”* Talvez que aquelles que mais se queixão tenham herdado uma boa fortuna; mas sem conhecerem os meios pelos quaes foi adquirida, disserão consigo mesmo: *“Agora é dia, e nunca será noite. Tão pequena despeza n'uma fortuna como a minha, nenhum desfalque lhe poderá causar.”* Mas, em verdade, *“as crianças e os loucos, como “muito bem diz o BOM HOMEM RICARDO, imaginão que vinte “moedas e vinte annos nunca se acabão. D'onde se tira, e não põe, falta faz. Quando o poço está secco, é que se conhece o valor da agua.”*

Querem saber, meus amigos, quando vale o dinheiro? Peção-no emprestado. Aquelle que pretender contrahir um emprestimo, deve contar com um tormento. Outro tanto succederá aquelles que confião dinheiro a certa qualidade de gente, quando tem de lhe pedir o que lhes devem. Agora, porém, não é d'isso que tratâmos.

Quanto ao que eu ha pouco lhes disse, observa o BOM HOMEM RICARDO: *“A mania de figurar é uma extravagancia funesta. “Antes de consultarmos a nossa fantasia, consultemos a nossa “bolsa. A vaidade é um mendigo que falla tão alto como a necessidade, mas é ainda mais insaciavel.”*

Quem compra uma cousa de gosto, precisa logo de mais dez, pelo menos, para conduzirem umas com outras, ou para completar o surtimento; e como muito bem diz o BOM HOMEM RICARDO: *“É mais facil reprimir a primeira fantasia, do que satisfazer a todas as outras que se lhe seguem.”*

Ha tanta loucura pois no pobre em querer arremedar o rico, como na rã a inchar-se para se tornar tão grande como o boi. Os navios d'alto bordo podem aventurar-se fazendo-se ao mar; mas as embarcações de pequeno lote jámais devem perder a terra de vista.

Similhantes loucuras não ficam impunes por muito tempo, porque, como diz o BOM HOMEM RICARDO: “*O vaidoso almoça com a abundancia, janta com a pobreza, e ceia com a vergonha.*”

E com effeito, que fructo se tira d’essa ostentação, d’essa vaidade a que tudo se sacrifica? Sem augmentar o merito pessoal, excita a inveja, e apressa a ruina das nossas fortunas.

Que loucura não commette aquelle que se enche de dividas para occorrer a taes superfluidades!

Como n’esto leilão, meus amigos, se vende a prazo de seis mezes, foi talvez este engodo o que levou alguns dos que aqui se achão a concorrerem a elle, por isso que não tendo dinheiro disponivel, achão a facilidade de satisfazer a sua fantasia sem immediato desembolso. Mas, ah! Sabem bem o que fazem quando comprão fiado, ou contraem alguma divida? Desde logo ficão na dependencia do crédor, concedendo-lhe direitos sobre os seus bens e a sua pessoa.

Não pagando no prazo ajustado, procura-se evitar a presença do crédor, e não se lhe falla senão com pejo e com certo receio; degradando-se o devedor até a pedir-lhe mil vergonhosas desculpas. Pouco a pouco, perde a sua franqueza, e finalmente deshonra-se com mentiras as mais evidentes e despreziveis, pois, segundo diz o BOM HOMEM RICARDO: “*O primeiro erro é contrahir dividas; o segundo, mentir. Aquelle que tem por costume endividar-se, anda sempre com a mentira nos labios.*”

Que pensarião vm.^{ces} de um principe, ou de um governo que prohibisse, por um edital, a certa classe ele cidadãos o trajar como as pessoas d’alta jerarchia, sob pena de prisão? Não dirião porventura, que havendo nascido livres, tinhão o direito de se vestirem como quizessem, e que semelhante ordem era um attentado contra os nossos direitos, e uma verdadeira tyrannia? E comtudo, somos nós os proprios que nos queremos sujeitar a essa tyrannia, quando contrahimos dividas pela fantasia de figurar; podendo o nosso crédor, se quizer, privar-nos da liberdade, mettendo-nos n’uma prisão, e talvez por toda a vida, se lhe não podermos pagar.¹¹

Quando se compra a prazo, póde acontecer que o comprador não tenha na lembrança o dia do pagamento; “mas advirta-se que os crédores, como diz o BOM HOMEM RICARDO, têm *“melhor memoria que os devedores, e formão uma especie de seita supersticiosa, que observa, com o maior escrupulo, todas as épocas do calendario.*”

O dia do pagamento chega quando n’elle menos se pensa, e o crédor vem exigir o embolso da quantia que emprestou, sem que o devedor tenha dado as necessarias providencias para o verificar. Se, pelo contrario, o devedor trata de satisfazer a sua divida, o prazo que, a principio, lhe parecia tão longo, parecer-lhe-ha demasiadamente curto, á medida que se fôr aproximando.

“*A Quaresma é muito breve, como diz o BOM HOMEM RICARDO, para aquelle que tem de pagar pela Pascoa.*” Conservemos pois a nossa liberdade e a nossa independencia. Sejâmos laboriosos e livres; sejamos economicos e independentes. Talvez julguem algumas pessoas que me estão ouvindo, acharem-se n’um estado tal de opulencia, que lhes permite satisfazer ás suas fantasias; mas é preciso poupar a fim de estar previnido, não só para o tempo da velhice, mas tambem para qualquer adversidade

¹¹ Em França e alguns outros paizes, podia o credor não só executar, mas até prender o devedor.

que possa sobreviver. *“O Sol da manhã não dura todo dia. O ganho é incerto e eventual; mas a despesa é certa durante toda a vida. É mais facil derrubar duas chaminés do que conservar uma só com lume, como diz o BOM HOMEM RICARDO. Assim, antes ir para a cama sem ceiar, do que acorda com dividas. Adquirir quanto se podér, e poupar o mais que possivel fôr, eis o verdadeiro segredo para ter dinheiro”*; e quando possuirmos essa pedra philosophal, não teremos motivo para queixar-nos das vicissitudes dos tempos, nem da dificuldade de pagar os impostos. Comquanto, meus amigos, esta doutrina seja conforme á razão e á sabedoria, não confiemos unicamente no trabalho, e na nossa prudencia e economia. Tudo isto será inutil sem a benção do ceo. Imploremo-la pois humildemente; não sejâmos insensíveis ás desgraças do nosso proximo e dêmos-lhe consolação e soccorros.

Não nos esqueçâmos de que *Job* foi pobrissimo, e que depois veiu a ser mui venturoso.

Nada mais direi sobre o assumpto, pois *“a experiencia é uma escola, aonde as lições custão caro; mas é a unica em que os insensatos podem aprender, se bem que pouco proveito tirão d’ella.”*

“Lembremo-nos, como diz o BOM HOMEM RICARDO, de que aquelle que não admite conselhos, não considera que ainda quando não queira ouvir a razão, Ella, mais tarde ou mais cedo, se fará ouvir.”

Assim acabou o velho *Abrahão* o seu discurso. Os circumstantes ouvirão-no com attenção, e até parecião approvar as suas maximas; comtudo não deixarão de praticar immediatamente o contrario, pois apenas começou o leilão, cada qual fez compras as mais extravagantes, apezar das saudaveis advertencias do velho *Abrahão*, e do receio que todos tinham de não poderem pagar os impostos.

Quanto a mim, conheci que aquelle ancião havia estudado cuidadosamente as obras de *Franklin*, e tirado vantagem de quanto aquelle apostolo da humanidade havia dito, pelo espaço de vinte cinco annos, sobre a *necessidade do trabalho e da economia*.

Resolvi aproveitar-me tambem do que lhe ouvira, para me emendar; e não obstante ter-me demorado á porta do leilão com o fim de comprar panno para uma casaca, entendi que era mais conveniente aos meus interesses ir-me remediando com a que tinha.

Leitor, se te fôr possivel fazer o mesmo, ganharás tanto como eu.

RICARDO SAUNDERS.